

O selvagem a falar do selvagem

Edmon Neto de Oliveira¹

Nasce // isto / então // por / intensidade // da / força? // Nasce. (R.C.S.)

Roberto Corrêa dos Santos: o poema contemporâneo enquanto o “ensaio teórico-crítico-experimental” (2012) é o livro de Alberto Pucheu, a respeito da obra do poeta e crítico mencionado no título. Através de uma escrita intensamente criadora, Pucheu lê Corrêa dos Santos a partir da mesma ética que envolve este quando dedicado a falar sobre arte ou literatura: depositando toda a confiança na escrita e fazendo com que a força do pensamento, em seu mais alto grau de potência, seja revelada na escrita, repensando a forma e explorando uma sintaxe e uma semântica vigorosas, sempre no intuito de, ao falar não somente sobre um texto, mas junto com um texto, ser possível nascer um outro, que traz consigo uma herança parental daquele primeiro.

Por Alberto Pucheu, o conjunto da obra de Roberto Corrêa dos Santos foi dividido em três momentos que não seguem necessariamente uma cronologia. No primeiro deles, estão as edições comerciais, com livros que receberam diagramações convencionais, sendo cinco deles de ensaios e um de poemas. No segundo momento, estão os sete livros que começam a se utilizar das artes plásticas em sua feitura, como *Dúzia* (1996), que tem o design em folha A4 e a disposição dos poemas ocorre entre dobras e desdobras; ou como a *Série comprimidos* (2004), que possui, como títulos, os nomes das pessoas a quem o livro se destina. No terceiro momento, está o grupo de “livros-de-artista”, que faz parte da literatura contemporânea tal qual entende Roberto Corrêa dos Santos e que Alberto Pucheu persegue, no intuito de discorrer sobre a ideia do “ensaio teórico-crítico-experimental” ou do “poema expandido”. São sete livros que, na visão de Pucheu, se encontram em uma zona de indiscernibilidade entre o poético e o crítico, entre o ensaio, a ficção e o poema, entre o gesto, a imagem e o conceito, entre a plasticidade e a escrita, entre o risco, o rabisco, a rasura, o desenho, a foto, a fotocópia e a letra, na busca de uma escrita que integre novas estruturas de pensamento e que, por isso, desguarnecem as fronteiras entre diversos saberes.

Ao falar de Clarice Lispector, Luiza Neto Jorge, Caio Fernando Abreu, Roland Barthes, o poeta-crítico Roberto Corrêa dos Santos faz uma espécie de cirurgia na

¹ Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

escrita desses escritores, radicalizando a maneira de operar com o texto alheio via próprio texto, na medida em que, utilizando recursos como o risco ou a linha , ———— , ou na inserção do crítico como personagem da crítica, tenciona a relação com o texto criticado, procurando estar à altura dele e preservando sua alteridade através de um distanciamento, ao mesmo tempo em que se refere ao próprio texto enquanto crítica criadora. De igual maneira, Alberto Pucheu diz que é a partir de uma fratura, de um desconhecimento ou de uma cegueira que surge a impossibilidade da comunicação com o texto criticado ou deste se sustentar como original, por isso Roberto Corrêa dos Santos, na tentativa de abrandar o crime e a crueldade que se cometem com o outro texto, faz uso de um negativo na denominação dos agentes que operam na literatura, a saber: não-escritores, não-poetas, não-críticos e, claro, não-leitores: todos estes voltados para o fora da linguagem, para a não-representatividade, para o “mais e mais real”.

A crítica expandida de Roberto Corrêa dos Santos cria o paradigma da “esquizografia”, termo utilizado por ele próprio, que designa o processo intenso de alteração de um rosto, através da maquiagem, dos retoques, da adulteração do que anteriormente foi visto, em que

“a crítica, que tem a ver com o jogo de cópias da caverna e com o carvão do desenho, que acata a maquiagem ou o make-up, não resiste a uma intervenção transfiguradora que distorce e desconfigura o objeto por sobre o qual ele se aplica, mostrando-o enquanto nele mesmo perdido; ela desenha, retoca, aumenta, retira, alonga, cobre, suaviza, interfere, enfim, ativamente no outro texto, descobrindo, no antigo, novas redes de relações, outras possibilidades de encontros não antevistos, até chegar à composição de um novo texto, de uma nova ‘Senhora’, (...) desconhecida de todos.” (PUCHEU, 2012, p. 60).

Nesse trabalho, a crítica pode falar tanto com o objeto criticado quanto fazer uma crítica abertamente construída, como em *Perdão, Caio* (2005), cujos subtítulos “assinado e datado” e “carta-a-quem-escreva” remetem, respectivamente, à obra acidamente criticada de Caio Fernando Abreu e a qualquer outro que trabalha com a escrita; mas, sobretudo, considera a participação fundamental do leitor que, à maneira barthesiana, se iguala ao escritor na criação. E sobre Barthes, tecla-se um manuscrito; sobre as primeiras convulsões, uma indistinção entre obra e leitor; sobre *Zeugma* (2008), a omissão daquilo que pode transportar as mais grandiosas iluminações.

Escrever o livro antes de ler este livro, ser provocado por ele antes mesmo de abrir suas páginas. É dessa maneira que Alberto Pucheu apresenta o seu mais recente

livro, preocupando-se, primeiramente, com a questão plástica e, por meio da escrita, operando uma crítica dos afetos. O volume é feito em capa dura, branca (apenas a lombar em preto), sendo que tanto o título, o autor e a série (grandes mestres) aparecem dentro de uma moldura, como se esse conjunto fosse em si o conteúdo de um quadro em exposição: na capa, as palavras figuram como uma pintura, em que o papel em branco foi vencido e a poesia triunfou. O interior foi impresso em papel especial, sobre o qual aparecem fotografias da obra luxuosa de Roberto Corrêa dos Santos e do próprio autor, por Mariana Maia e Reginaldo Maia, intercaladas com a escrita de Alberto Pucheu, que se inicia quase tão logo se abre o livro. Não há prefácios, não há página com informações editoriais (as logomarcas da Editora Azougue e da Pensamento Brasileiro estão discretamente postas na primeira contracapa), não há referências bibliográficas no fim, pois o autor as oferece no interior do texto. O que vem à tona é uma segunda capa, cuja imagem curiosa de um manuscrito em vermelho, borrando a imagem de um tomate sobre uma estrutura informe, de textura esverdeada e indefinida, porém incisivamente viva, é seguida da repetição das informações da primeira capa em branco, mas agora sem a moldura, abertas ao cosmos no qual o texto de Alberto Pucheu mergulha. Devido ao peculiar formato e à beleza plástica do livro, o leitor, a princípio, pode temer fazer grifos, anotações nos cantos das páginas ou sinais de atenção; contudo, quando se inicia a leitura, este mesmo leitor é arrebatado pelo pensamento e pelo lirismo de Alberto Pucheu, de maneira que se torna inevitável não fazer intervenções em sua superfície. Seguramente, o autor fez isso de propósito: é participar ou retroceder.

É no desvio, por fim, que se cria uma escrita que não se mantém secundária à outra da qual se fala, são nos devires que a literatura contemporânea emerge, fundindo os modos de produção em um complexo indiferenciável, no trabalho com o corpo, com a performance, na busca de uma saúde através de um “outrar-se”, de uma gravidez de dobramentos e desdobramentos ou de verso e reverso. Alberto Pucheu acredita que a escrita crítica deva se manifestar para além do cinzento, em que cada escritor seja capaz de reelaborar o outro em suas diferenças criadoras, deixando os seus traços e, igualmente, rastreando seus traumas. Falar do que é grande, sobretudo, com grandeza é a crítica colorida feita por Alberto Pucheu e Roberto Corrêa dos Santos, e mais: a amizade, o ensino, a clínica, a encruzilhada, a derrapagem, a poesia a falar de poesia, o selvagem a falar do outro selvagem, dois rinocerontes dispostos a difundir o rasgo, a dobra, o grito e o sentido.